

OS LUSÍADAS

na escola e na sociedade
450 anos

COORDENAÇÃO

Maria do Céu Fraga

Rui Tavares de Faria

Madalena Teixeira da Silva



Centro de
Estudos
Humanísticos

Título

Os Lusíadas na escola e na sociedade. 450 anos

Coordenação

Maria do Céu Fraga | Rui Tavares de Faria | Madalena Teixeira da Silva

Prefácio

José Augusto Cardoso Bernardes

Apoio



GOVERNO
DOS AÇORES

Capa

Ana Teresa
anateresa.co

Edição

© Letras Lavadas edições
Centro de Estudos Humanísticos da Universidade dos Açores

Ponta Delgada, Janeiro de 2024

Paginação, Arranjo e Execução Gráfica

Nova Gráfica, Lda. - Ponta Delgada

Depósito Legal: 524419/23

ISBN: 978-989-735-497-7

PUBLIÇOR – Publicações e Publicidade, Lda.

Rua da Praia dos Santos n.º 10 – S. Roque

9500-706 Ponta Delgada

Telefone 296 630 080 | Fax 296 630 089

E-mail: publicor@publicor.pt | www.publicor.pt

© Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização expressa.

«A VERDADE QUE EU CONTO, NUA E PURA»¹: PRESENÇA DOS CLÁSSICOS GRECO-LATINOS EM CAMÕES

Maria Cristina Pimentel

Centro de Estudos Clássicos
Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa

Em volume de estudos que se organiza em torno de *Camões na Escola*, é nosso objectivo procurar um modo de, por recurso aos clássicos, levar a descobrir – e a gostar – de Camões, mercê de outras abordagens que não sejam a da leitura de uma ou outra *Ode* e um punhado restrito de sonetos, no caso da lírica, ou a da leitura de episódios escolhidos de *Os Lusíadas*, como tantas vezes acontece em contexto didáctico. Por outras palavras: experimentar um caminho que traga os Clássicos, a cultura e a literatura da Grécia e Roma, como meio para iluminar a leitura de Camões. E quando digo iluminar, quero restringir a etimologia: não é trazer luz à obra de Camões, que a tem sobejamente sublime, mas antes lê-la com um foco de luz que a pode esclarecer (verbo que a etimologia diz ser ‘tornar, gradualmente, mais claro’).

Antes de enunciar algumas propostas, recorro à Retórica para uma *praeteritio* que, em alguns casos, assumo também como *recusatio*.

Não falarei de episódios que mereceram já segura análise, como e.g a que encontramos sobre Actéon, no *Dicionário de Luís de Camões*, na entrada da autoria do Professor Vítor Aguiar e Silva, coordenador desse *magnum opus* que devemos compulsar amiúde. Também não me ocuparei, a não ser a propósito de outras linhas de leitura, dos deuses, suas funções e atributos. Não vou indagar matrizes épicas e paralelos vergilianos, incluindo ecos literais como o da *Ode IX*, «Fogem as neves

¹ *Lus.* V.89.7.

frias...», essencialmente horaciana, ou, n' *Os Lusíadas*, o *Infandum, regina, renouare dolorem* do início do Canto II da *Eneida*, que ouvimos nas palavras do Gama «Mandas-me, ó Rei, que conte...» (*Lus.* III.3), ou do talvez mais célebre e celebrado exemplo, o do monólogo de Dido antes de morrer, *Dulces exuuiaie, dum fata deusque sinebat...*, que encontramos no soneto 64 «Os vestidos Elisa revolvía / que lh'Eneias deixara por memória; / doces despojos da passada glória, / doces, quando seu Fado o consentia.» e que Correia Garção retomará na «Cantata de Dido» da sua *Assembleia ou Partida*. Também não vou ocupar-me de outras fontes e modelos de Camões, embora me pareça que, nesse campo, há significativo trabalho a fazer, nomeadamente porque, a menos que seja ignorância minha, me parece que se tem investigado sobretudo a presença de Vergílio, Horácio e Ovídio, mas não tanto, por exemplo, a de Tito Lívio² e Plutarco, este decerto lido pelas traduções em latim dos *Moralia* e das *Vitae* que os Humanistas produziram a partir de meados do século XIV, para já não falar em Cornélio Nepos, Valério Máximo, Júlio César, Marcial ou, até, a *Historia Augusta*.

A minha reflexão parte, antes, de uma pergunta, evidentemente retórica: quem pode ler Camões sem saber – e saber bastante – de mitologia clássica, de história da Grécia e Roma, e sem, pelo menos, uma razoável preparação em latim?

No que diz respeito a este último aspecto, o do conhecimento do latim, dou, como um primeiro eixo de leitura alternativa, alguns exemplos que podem documentar a utilidade de aprender latim para decifrar alguns vocábulos menos comuns, ou que hoje são ou podem ser entendidos com diferente significado:

- O adjectivo 'horrendo', por exemplo em «o Luso horrendo» (*Lus.* II.48), jamais será entendido como o 'muito feio Luso' por

² Bastará pensar em como Camões retrata ou alude a figuras como Lucrecia e Tarquínio, ou Ápio Cláudio e Virgínia (*Lus.* III.140), ou às Guerras Púnicas e aos seus heróis, como Cornélio Cipião Africano Maior (*Lus.* IV.20, em paralelo com Nuno Álvares Pereira, ou Marco Cláudio Marcelo, *Lus.* VII.71), ou ao episódio das Forcas Caudinas, durante as Guerras Samníticas, *Lus.* VIII.15); ou a Atílio Régulo e aos Décios, postos em paralelo com o Infante D. Fernando (*Lus.* IV.53); ou a Tito Mânlio Torquato e a Valério Corvino (*Lus.* VI.68); ou a Tarpeia (*Lus.* VIII.97) e a Horácio Cocles e Fábio Máximo *Cunctator* (*Lus.* X.21)...

quem souber o que é um gerundivo e o valor do infixo –nd–, traço aspectual que o faz significar ‘aquele que deve ser temido’. Do mesmo modo, um latinista não interpretará o «vagabundo» (*Lus.* VIII.61) Gama a não ser como «errante», como fará quanto a Hércules, dito o «vagabundo Alcides» (*Lus.* III.137).

- A expressão «um porto mui decente» (*Lus.* II.48), por sua vez, é de límpido significado para quem reconhecer um participio presente aplicado àquilo ou a quem *deceat*, i.e., o que é adequado, conveniente, neste caso para a navegação.
- E que juízo de valor faz o leitor que não sabe latim sobre Duarte Pacheco Pereira e os seus feitos em Cochim, quando lê que ele era «um peito soberbo e insolente»³? Só uma nota, que distrai da leitura e suspende a fruição do poema, lhe poderá explicar o sentido de *superbus* e do participio *insolens*, o que não é vulgar, não é comum, para já não falar do significado de «peito» (*pectus*), sede da inteligência e dos sentimentos, o carácter de cada ser humano.
- E o «generoso Mouro» (*Lus.* II.107), que não era solidário e compassivo, mas nobre, por seu *genus*? E o «ensífero Oriente» (*Lus.* VI.85), que transporta a espada (*ensis*), tal como as «auríferas areias» (*Lus.* VII.11) transportam ouro (*aurum*)? E a «fatídica cerva» (*Lus.* VIII.8) que não foi ‘funesta’ a Sertório, mas que antes (supostamente) lhe revelava o seu destino, o seu *fatum*? E a «vara fatal» (*Lus.* II.57), o caduceu, que não causava a morte a ninguém, mas era atributo de Mercúrio, o deus Psicopompo, que acompanhava as almas ao reino dos mortos, na hora que todo o ser humano tem certa no seu inelutável *fatum*, o seu destino?
- E que esperar da interpretação moderna dos «ventos repugnantes» (*Lus.* VI.35; VII.15), os ventos contrários de Éolo, ou das «cizânias repugnantes» (*Lus.* VII.10) que Alecto, uma das três Fúrias, lançava entre os Cristãos, para que lutassem entre si? Ou da busca do Gama de uma «terra onde quieto repousasse» (*Lus.* II.56)?

³ *Lus.* II.52. Cf. *Lus.* X.46: «De peitos inumanos e insolentes», no sentido de «desmedidos».

- Já não falo de entender, sem dicionário ou nota, a razão pela qual foi o banquete de Tiestes uma «seva mesa» (*Lus.* III.133)⁴ ou o que punha a «pátria mesta» (*Lus.* IV.19): neste caso, situamo-nos no restrito capítulo dos latinismos, tema assaz estudado⁵.

Selecciono, agora, da minha pergunta, um outro aspecto: quem pode ler profundamente Camões sem saber mitologia clássica? Vejam-se alguns epítetos incompreensíveis ou algumas perífrases indecifráveis para quem não dominar tal matéria, podendo dizer-se o mesmo de múltiplas antonomásias e pronominações. Ilustremos tão-só, com três exemplos: há que saber descortinar, em o «Peno», o cartaginês Aníbal; ou, em «Tiríntio», o semideus Hércules, porque nasceu em Tirinto; ou, em «Cileneu», Mercúrio, nascido no monte Cilene, na Arcádia⁶.

Se alguns epítetos são relativamente transparentes ou conhecidos da tradição literária, como o «piadoso Eneias»⁷ ou o «facundo Ulisses»⁸, ou a «bela Helena» (*Lus.* III.140), ou a «mágica Medeia» (*Lus.* III.32), se algumas perífrases são mais acessíveis à decifração do leitor medianamente erudito, como o «roubador de Europa»⁹, que é Júpiter, ou o «filho de Alcmena» (*Lus.* III.141), que é Hércules, ou o «grão Tonante»¹⁰, que é Júpiter, já que se manifesta trovejando, ou «o Rei do vinho» (*Lus.* VI.14), que é Baco, ou as «aquáticas donzelas» (*Lus.* IX.22), que são as Nereidas destinadas a seduzir

⁴ O banquete de Tiestes, a seva mesa, pelo seu horror, fez com que o Sol se ocultasse: o mesmo deveria ter acontecido perante a crueldade imensa do assassinio de Inês de Castro.

⁵ Recorde-se a obra de Corrêa da Silva (1972^R).

⁶ *Lus.* III.116; III.141 (Peno, do latim *Poenus*, cartaginês); *Lus.* IV.55 (Tiríntio); *Lus.* II.57; II.71 (Cileneu). Igualmente se poderá apontar a designação de Mercúrio como o «neto gentil do velho Atlante» (*Lus.* I.20), que, «da parte do Tonante», convoca o Concílio dos deuses.

⁷ *Lus.* II.45; cf. *Lus.* III.57; V.86 ;V.98.4, «pios Eneias».

⁸ *Lus.* II.45; V.86; cf. III.57 (o «facundo» que edificou Lisboa). Em contraste, é a «língua vã de Ulisses fraudulenta» que leva a melhor sobre o justo merecimento de Ajax (*Lus.* X.24).

⁹ *Lus.* II.72. A alusão não é exclusivamente mitológica, já que consagra «[o] dia da chegada a Melinde ... em 15 de Abril de 1498, domingo de Páscoa. O Sol começava a percorrer o signo do Touro ... em 11 de Abril» (Pimpão, p. 93)

¹⁰ *Lus.* II.41; VI.78; I.20 (apenas «Tonante»).

os marinheiros, ou o «o filho de Latona» (*Lus.* II.89), que é Apolo¹¹, outros epítetos e outras perífrases há que exigem um mais vasto conhecimento dos meandros das narrativas mitológicas. Na verdade, já é preciso um saber mais profundo para identificar os «animais ... de Neptuno» (*Lus.* IV.21), que são os cavalos, e por que razão o são. Ou quem eram os «Mínias» (*Lus.* IV.83) e por que razão se designam assim os Argonautas. E quem é o «filho de Jápeto» (*Lus.* IV.103; VI.31), ou o «deus que fez os muros de Dardânia / Destruídos depois da grega insânia» (*Lus.* VI.19), ou o «grão ferreiro sórdido» (ah! Este 'sórdido!'), e o «enteado» para quem ele forjou «armas radiantes» (*Lus.* VI.78). E quem são as personagens míticas que se escondem em «claro amador da Larisseia / Adúltera» (*Lus.* X.1) e que episódio os uniu e desuniu? E que aves são as «Alcióneas aves» e porque choram um «triste canto» (*Lus.* VI.77), evocando uma das mais belas, e também mais trágicas, histórias de amor que Ovídio nos legou, nas *Metamorfoses* (11. 410-748), e que Camões evoca por mais de uma vez em diferentes traços constitutivos do mito?

Na verdade, e a concluir esta alínea da minha reflexão, dou realce à seguinte circunstância: um simples, mas exaustivo, levantamento de epítetos e perífrases que designam determinadas figuras ou circunstâncias esparzidos pela obra de Camões fornece amiúde ao leitor como que uma história completa, que poderíamos encontrar num manual de mitologia ou num dicionário da fábula, e que cuidadosamente poderemos reunir como peças de um mosaico ou de um *puzzle*. Registo alguns casos, entre os muitos possíveis: sobre Baco e Vénus, a paleta de epítetos não só sugere os principais episódios da respectiva história mítica, como regista funções e atributos desses deuses¹²; de Hércules, acompanhamos desde alguns

¹¹ Para o leitor comum, já não é, todavia, tão cristalino o que subjaz à designação de Apolo como «o claro inventor da Medicina» (*Lus.* III.1) ou o «fermoso / Mancebo Délio» (*Lus.* VII.67; cf. V.91).

¹² Bastará pensar em tudo o que se encerra em epítetos como, para Baco, «Tioneu», «o grão Tebano», «Lieu», ou na perífrase que o designa como «Deus nascido / Nas Anfíoneias Tebas» (*Lus.* IX.19), segmento em que a perífrase dupla implica saber que Baco nasceu em Tebas, cidade cujas muralhas foram construídas por Anfíon, filho de Júpiter. No caso de Vénus, vejam-se epítetos como «Citereia», «Ericina», «Dione», «Acidália», «Cípria», «Deusa Páfia», para não falar da alusão aos amores adúlteros com Marte e ao castigo humilhante que o marido, Vulcano, para ela preparou, aludido em «Vulcâneas redes» (*Lus.* IX.35).

dos Doze Trabalhos («tamanhas aventuras / Quais Euristeu a Alcides inventava», *Lus.* IV.80.1-2), até às circunstâncias do seu nascimento, os seus amores¹³, o seu carácter e comportamento nem sempre muito rectilíneo (passe o eufemismo), e as circunstâncias da sua morte; do episódio do Julgamento de Páris, observamos as circunstâncias que o antecederam e motivaram, as consequências que provocou, e todos os principais intervenientes, humanos e divinos¹⁴; retenhamos, por fim, os diferentes modos de pintar o nascer do dia, que nos falam do Sol, e do carro de fogo com que rasga os céus, até dos cavalos que puxam esse carro (cf. *Lus.* V.61.1.2), que evocam a irmã do Sol, a Lua – Diana, que repousa quando ele sai, e se encarrega de alumiar «O largo mundo», enquanto ele repousa (*Lus.* I.56), e o filho, Faetonte, e o desgosto fundo de sua irmã, Lampécia¹⁵, quando o perdeu, e, também, da quase penumbra (passe o pleonasma) antes do romper do «claro dia» (*Lus.* I.56), com a Aurora e Titono, o seu amado mortal, e Mémnon seu filho, enfim, todo um manancial de ecos e figuras que marcam o passar dos dias, e em que não faltam os ecos homéricos da cor rósea ou roxa dos primeiros raios de luz, os dedos da Aurora, ou o rutilante ouro dos fios do seu cabelo¹⁶.

Vejam, agora, muito brevemente, os símiles. Que, como sabemos, alargam o sentido, sugerindo pontos comuns em duas imagens, duas situações, duas personagens, que se cotejam e entre si se iluminam. Escolho apenas dois exemplos. Em *Lus.* II.27-28, um símile põe em paralelo as rãs que, sentindo o perigo, saltam no charco e se escondem, e os Mouros batendo em retirada:

¹³ e.g. por Ônfale, rainha da Lídia, junto de quem se dedicava a trabalhos femininos, para a cativar (*Lus.* III.141.3-4).

¹⁴ Sem querer ser exaustiva, v. *Lus.* II.35 (enlaçado com o mito de Actéon e Diana);

¹⁵ Lampécia (*Lus.* V.91), uma das Helíades (filhas de Hélio / Apolo e da Ninfa Clíme-ne), dita Lampetusa em *Lus.* I.46. Elas choraram o irmão, durante quatro meses, após o que foram transformadas em choupos e as suas lágrimas em âmbar (Cf. *Ov. Met.* 2.340-366).

¹⁶ Um exemplo, apenas, o de *Lus.* I.59.1-4: «assi como a Aurora marchetada / Os fermosos cabelos espalhou / No Céu sereno, abrindo a roxa entrada / Ao claro Hiperiónio, que acordou...». V., ainda, II.13.6-8: «... num momento / Apareceu no rúbido Horizonte / Na moça de Titão a roxa frente»; II.92.3 («... a mãe de Menon, a luz trazendo»; IX.51.7-8 («Rompendo pelo céu a mãe fermosa / De Menónio, suave e deleitosa.»).

Assi como em selvática alagoa
As rãs, no tempo antigo Lícia gente,
Se sentem porventura vir pessoa,
Estando fora da água incautamente,
Daqui e dali saltando (o charco soa),
Por fugir do perigo que se sente,
E, acolhendo-se ao couto que conhecem,
Sós as cabeças na água lhe aparecem:

Assi fogem os Mouros;

O leitor desprevenido pode ler estes versos sem a referência clássica e entende tudo, ou acha que entende: a imagem das rãs é plasticamente sugestiva, é uma cena quotidiana. Se estiver atento, o leitor só desconfia da simplicidade quando lê «no tempo antigo Lícia gente», e essa é a pista que, se ignorada, retira significado ao símile. Na verdade, estas rãs não são bem rãs, ou melhor, são o resultado de uma metamorfose (que Ovídio conta em *Met.* 6.317-381). Antes eram camponeses da Lícia, na Ásia Menor, que, com violência e maldade, recusaram água a Latona, mãe de Apolo e Ártemis/Diana, quando ela errava pelos campos, fugindo à ira de Juno, com os filhinhos ao colo, sob um sol abrasador. Grave infração, que os deuses não perdoam, merecedora de um castigo que torna os ímpios e cruéis camponeses seres inferiores e temerosos, condenados a pena eterna. Mercê do símile, não saem muito bem no retrato os Mouros, na sua fuga assustada e em desordem, acobardados, vencidos, desrespeitadores do justo Deus e do povo que o cultua.

O segundo símile abre para outro dos mais belos mitos trágicos da Antiguidade, daqueles que mais fortuna conquistaram na literatura ocidental: o de Orfeu e Eurídice. Diz assim o símile (*Lus.* VII.29.5-8):

Qual se ajuntava em Ródope o arvoredo,
Só por ouvir o amante da donzela
Eurídice, tocando a lira de ouro,
Tal a gente se ajunta a ouvir o Mouro.

De novo estamos perante duas imagens, a clássica e a da viagem do Gama, que nos são postas *ante oculos*. A de Orfeu, nome que se esconde

na perífrase «o amante da donzela / Eurídice», a tanger a sua lira que a todos encantava, que amansava as feras e trazia silêncio e paz à natureza, aqui representada pela montanha, frondosa de árvores, onde vivia Orfeu, o Ródope, na Trácia. E o Mouro Monçaide, amigo dos Portugueses, que lhes garante ajuda e refrigério em Calecute, e que fala castelhano, em terra de tão estranha língua. E ele fala e o que conta encanta todos em redor. E faz-se silêncio. E todos escutam, apaziguados. Tal como Orfeu conseguia.

Parecem-me frutuosas outras propostas de leitura, não seguida, nem extensiva, da obra camoniana, que apenas esboçarei, nesta ocasião, convicta que estou de que poderão levar ao que, tão-só em aparência, se dispensa – a leitura integral da obra. Em todas elas, a proposta aproxima-se de uma leitura que, numa espécie de *puzzle* que se vai compondo com as diferentes alusões, referências, episódios espalhados pela obra, a lírica e a épica, reflecte sobre:

- Mitos de amor e morte, ou de metamorfose. Escolho alguns dos que mais fortuna literária conquistaram, para já não falar, na tão actual perspectiva da intermedialidade, da sua presença nas artes plásticas, na música, no cinema; Hero e Leandro; Eco e Narciso; Píramo e Tisbe; Céfalos e Prócris, Alcíone e Ceíce; Fedra e Hipólito; Políxena e Aquiles; Dido e Eneias; Alfeu e Aretusa; Leteia e Oleno...
- Figuras históricas ou semilendárias da Grécia e de Roma. Juntando as peças do *puzzle*, cotejando-as nas suas amiúde diferentes perspectivas e interpretações, na sua adequação a paralelos com figuras camonianas e no acrescido significado que lhes conferem, é possível visitar fontes clássicas e conhecer a história de figuras como Alexandre Magno; Numa Pompílio; Júlio César; Marco António, Fúlvia (e Gláfrica) e Cleópatra, a «Egípcia linda e não pudica» (*Lus.* II.53); Octaviano Augusto; Cipião Africano; Viriato; Sertório; Lucrécia; Pórcia; Nero; Heliogábalo... E só enumero alguns de que registei mais do que uma ocorrência, circunstância sem a qual o jogo de lhes reconstruir a história perderia eficácia; acresce o facto de, amiúde, ser possível entrelaçar os traços e episódios presentes

tanto na épica, como na lírica, enriquecendo matizes e alargando a interpretação.

- Uma curiosa reconstrução, possível mercê dos numerosos episódios modelares dos três maiores poemas épicos antigos, a *Ilíada*¹⁷, mas sobretudo a *Odisseia* e a *Eneida*, que nos levam a encontrar Aquiles e as consequências da sua ira, Ulisses, nas suas errâncias¹⁸ e amores, nas consequências dos seus traços de carácter, dissonantes na astúcia e inteligência, quantas vezes pouco fiável, e bem assim na atribuição da fundação de Lisboa a Olissipo, o herói grego¹⁹; e Eneias, na sua filiação humana, a de Anquises, e divina, de Vénus, na derrota traiçoeira do cavalo de Tróia, na fuga da pátria em chamas, nos amores com Dido, na chegada a Itália para erguer uma nova pátria.
- A interpretação histórica que resulta em juízos de valor (e engrandecimento dos Portugueses, em foco individual ou colectivo), dada por paralelos como os estabelecidos, por exemplo entre D. Afonso IV e Mário, Aníbal e o imperador Tito, que o rei português suplanta, por ser mais bravo e ter matado mais inimigos (*Lus.* III.116-117); ou entre D. João III e Alexandre Magno, Adriano e o rei Numa (Soneto 160); ou entre Afonso Henriques e Pompeio (aquele, vencido pelo genro, Fernando II de Leão ; este vencido pelo sogro, César: *Lus.* III.71-73).
- A interpretação de paralelos que resulta em juízos de valor negativos e censórios sobre determinadas figuras, como os que

¹⁷ Alguns episódios foram consagrados em épicos pós-homéricos, ou em tragédias. Veja-se a morte de Astíanax, precipitado do alto das muralhas (que permite, em *Lus.* IV.5, um arrojado paralelo com o Bispo de Lisboa, D. Martinho, castelhano, atirado da torre da Sé de Lisboa em 1383. Na verdade, apenas as circunstâncias da morte os podem aproximar, quer por serem atirados de lugares altos, quer porque sofrem a fúria e inclemência de quem venceu ou se apresta a vencer. Mais nada aproxima a criança inocente do Bispo prepotente e ocupante.

¹⁸ *Lus.* II.82: Ulisses é «o perdido Ítaco», na corte do rei Alcínoo.

¹⁹ Em numerosos passos, reafirmando um *topos* épico do herói epónimo: v. e.g. *Lus.* III.57; III.74.8 («a cidade Ulisseia»); IV.84; VIII.5.1, 4: «Ulisses... / ... na Europa Lisboa ingente funda».

são chamados à avaliação da figura e do reinado de D. Sancho II, em *Lus.* III.92-93²⁰.

- O valor simbólico de figuras míticas, como Télefo, que ilustra um dos motivos da literatura renascentista, plasmado por Camões em maravilhoso soneto (65) que diz:

Ferido sem ter cura percia
o forte e duro Télefo temido,
por aquele que n' água foi metido,
a quem ferro nenhum cortar podia.

Ao Apolíneo Oráculo pedia
conselho para ser restituído;
respondeu que tornasse a ser ferido
por quem o já ferira, e sararia.

Assi, Senhora, quer minha ventura
que, ferido de ver-vos, claramente
com vos tornar a ver Amor me cura.

Mas é tão doce vossa fermosura,
que fico como hidrópico doente,
que co beber lhe cresce mor segura.

Guardo para o fim aquela que me parece ser a mais desafiante perspectiva das que aqui partilho, e que consiste em, partindo da mesma tarefa do que, por imagem lúdica, chamei mosaico ou *puzzle*, reflectir sobre figuras míticas que, por um lado, mostrem a versatilidade dos mitos que suscitam, desde a Antiguidade, diferentes interpretações, e, por outro, documentem a riqueza das fontes clássicas e do seu sólido manejo por parte de Camões. Das figuras possíveis, como Procne, Circe, Fedra, Medeia ou Ícaro, centro a minha leitura em dois passos que julgo significativos.

²⁰ O rei português é comparado com dois *exempla* históricos (os imperadores romanos Nero e Heliogábalo) e dois semilendários (Sardanapalo, rei da Assíria, e Fálaris, tirano de Agrigento): tratando-se de dois *príncipes* e de dois reis, a adequação do paralelo sai reforçada pela identificação do estrato político-social. Do cotejo, resulta que D. Sancho II foi cruel, devasso e imoral como todos os quatro exemplos aduzidos, ainda que não tão mau como eles.

Medeia, desde sempre a Maga, por antonomásia, transformada de força benéfica em feiticeira criminosa que não recua perante nada para ter Jasão, e que depois, para se vingar dele, lhe impõe o terrível sofrimento causado pela morte dos filhos que com ele teve, foi, desde a Antiguidade, vista com a censura inerente ao gesto matricida, à crueldade sem freio, ao uso das artes mágicas com fins inconfessáveis e indignos, e, por isso, por mais de uma vez associada a Circe, à Medusa ou à Sibila de Cumas. No entanto, vem também da Antiguidade a perspectiva em que, sem a desculpabilizar, se procura, pelo menos parcialmente, entender o seu gesto pelo abandono a que foi votada, pela ingratidão daquele por quem ela tudo fez, inclusive matar, pela situação extrema a que se vê obrigada, a de abandonar Corinto, sem sequer levar consigo os filhos, que ficarão com o pai e a nova esposa²¹. Antes de Camões, na literatura portuguesa, já Medeia surgira por mais de uma vez no *Cancioneiro Geral*²². Nessa tradição encontramos Camões, na lírica e na épica. Naquela, Medeia está no longo catálogo da redondilha conhecida como *ABC em motos*: aí, o sujeito poético dirige-se à amada, Ana, a quem garante, pela evocação alfabética de figuras míticas ou históricas, quase todas da Antiguidade greco-latina, que sofreram dor, agonia e tortura menos destruidoras do que as que ele suporta pelo desamor da bela e impiedosa amada²³. Surge, também, num soneto (121), que equipara os assaz convencionais traços de beleza da amada com os «encantamentos de Medeia» (v. 8), já

²¹ Como é sabido, o mito de Medeia deve sobretudo o seu perfil a Eurípides e Apolónio de Rodes, entre os Gregos; entre os Romanos, à *Heróide* 12 de Ovídio, bem como aos primeiros 403 versos do canto VII das *Metamorfoses* e, por fim, à tragédia de Séneca.

²² Numa composição do poeta palaciano Duarte de Brito, Medeia surge numa secção intitulada *Inferno dos namorados*, integrada num catálogo de amantes desgraçados (Aida Fernanda Dias, *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende*, t. I, Lisboa, 1990, 334): os seis versos que lhe são dedicados consagram o abandono provocado pelas «crimezas de Jasam», circunstância que a levou à via do crime. Outra composição, em castelhano, de Luís Anriquez, encontra nos ciúmes o motivo da vingança de Medeia, quando mata os filhos (*op. cit.* t. II, 1990, 289); por fim, na *Farsa do Alfaiate*, de Anrique da Mota, Medeia é associada à Sibila de Cumas, por ambas terem poder e ousadia sobrenaturais (*op. cit.* t. IV, 1993, 179).

²³ «Medeia foi mui cruel / mas não chegou a metade / de vossa grão crueldade.» (vv. 70-72).

que, qual filtro mágico, enfeitiçam e prendem inelutavelmente o sujeito poético²⁴.

N' *Os Lusíadas*, encontramos Medeia num paralelo com D. Teresa, mãe de D. Afonso Henriques. A história ensina-nos que andaram desavindos e que o conflito acabou em acesa guerra, o posterior encarceramento de D. Teresa e a ruptura entre mãe e filho. Na batalha de S. Mamede, perto de Guimarães, em Junho de 1128, defrontaram-se as forças apoiantes de D. Teresa e do seu amante galego, Fernão Peres de Trava, e as tropas que estavam por D. Afonso Henriques. É essa batalha que, no Canto III de *Os Lusíadas*, o Gama evoca na longa analepse com a qual conta a história de Portugal ao rei de Melinde. Aí, D. Teresa é retratada como mais odiosa que as mais odiosas filicidas da Antiguidade, Procne e Medeia, mais execranda que Cila, que matou o próprio pai²⁵, pois, na sua impiedade contra o filho, reúne os motivos que moviam as figuras míticas, e ainda as ultrapassa. Leiam-se as estrofes 31 e 32:

«De Guimarães o campo se tingia
Co sangue próprio da intestina guerra,
Onde a mãe, que tão pouco o parecia,
A seu filho negava o amor e a terra.
Co ele posta em campo já se via;
E não vê a soberba o muito que erra
Contra Deus, contra o maternal amor;
Mas nela o sensual era maior.

«Ó Progne crua, o mágica Medeia!
Se em vossos próprios filhos vos vingais
Da maldade dos pais, da culpa alheia,
Olhai que inda Teresa peca mais!

²⁴ Idênticos cambiantes apresenta a figura de Circe, a temível feiticeira da *Odisseia*, que tanto o é nas suas artes nefastas, como é vista em paralelo que a identifica com a amada do sujeito poético, que por ela vive enfeitiçado. Veja-se, a título de exemplo, os vv. 7-12 da *Ode IV* («Amada Circe minha»...).

²⁵ Poderemos reparar que o paralelo com Cila se desfaz nas circunstâncias do desfecho dos episódios. Cila matou o pai, para dar a vitória a Minos, por quem estava apaixonada, e que pusera cerco à cidade em que o pai reinava. Vencedor, o amado matou-a. O vitorioso Afonso Henriques limitou-se a encarcerar a mãe.

Incontinência má, cobiça feia,
São as causas deste erro principais:
Cila, por ùa, mata o velho pai;
Esta, por ambas, contra o filho vai.

Neste caso, como vemos, D. Teresa é pior que Medeia, pois esta castiga Jasão, que a abandonou. Age por ciúme e por despeito, por amor traído: são motivos pessoais. D. Teresa age por luxúria e cobiça, uma «cobiça feia», uma «[i]ncontinência má»²⁶.

Centremo-nos, agora, no famoso episódio do Velho do Restelo. Quando recorre ao *topos* do *protos eures* amaldiçoado (*Lus.* IV.102.1-2: «Oh, maldito o primeiro que, no mundo, / Nas ondas vela pôs em seco lenho!»), a personagem refere, de seguida, três *exempla* de ousadia de funestas consequências, três figuras míticas que quiseram o que não deviam: Prometeu, movido por «altos desejos» (*Lus.* IV.103), Faetonte, «o moço miserando» (IV.104), Ícaro, a que se junta seu pai Dédalo, «o grande arquitecto». É conhecida a história mítica de cada um deles, pelo que nos dispensamos de a contar aqui. Ora, nestes três *exempla*, é possível encontrar dois eixos de análise que, sobretudo no caso de Prometeu e de Ícaro, vêm da própria Antiguidade. Prometeu roubou o fogo aos deuses²⁷, é certo, acto de *hybris* que lhe valeu tremendo castigo. Mas tomou o partido dos fracos e sonhou dar aos homens o que era exclusivo dos deuses. E ousou. O fogo que incutiu nos homens é como a alma, o desejo, o que há de divino em cada ser humano. Prometeu não é só a transgressão. Ele desafia a prepotência, é generoso, e cria.

Dédalo, por seu turno, não é só o que desobedece aos deuses e aos reis, é também o que constrói, inventa, e protege os ousados contra a força bruta que o Minotauro representa. É o que sonha a liberdade quando o prendem. É a inteligência, a imaginação que capacita o homem e o leva mais além.

Ícaro é, certamente, a insensatez da juventude, a desobediência a regras, mas também a ousadia, o sonho de voar, a atracção do mais alto,

²⁶ Em *Lus.* III.69.7-8, reafirma-se a maldade de D. Teresa, já que, encarcerada, amaldiçoa o filho e é isso que, na versão camoniana, causa que D. Afonso Henriques, em batalha, caia do cavalo e quebre a perna.

²⁷ Cf. *Lus.* 6.11.1; 4: «... o Fogo... / Depois que Prometeu furtado o tinha».

do mais belo, do mais puro. Ir mais além. Ir mais alto. Transcender a condição humana. Mesmo que tenha de se pagar um preço, mesmo que se não chegue lá. «Um pouco mais de sol – eu era brasa, / Um pouco mais de azul – eu era além...», dirá Mário de Sá-Carneiro em «Quase» (*Dispersão*).

Faetonte, não por acaso tantas vezes *exemplum* a par de Ícaro, também ele revela as duas faces da «Mísera sorte», da «Estranha condição» da «humana geração» que «nenhum cometimento... Deixa intentado». Ele representa a insensatez da juventude, o desejo de experimentar o que não devemos, as funestas consequências dos actos irreflectidos²⁸. Mas também é a ânsia de liberdade, o desejo de viver sem entraves, o fascínio do que é novo e do que é belo, do que nos incendeia e atrai.

Todos três acabaram tragicamente. Na boca do Velho do Restelo, esse será o fim da aventura marítima dos Portugueses, desafiando o que lhes deveria estar interdito. Mas... Prometeu deus o fogo aos homens. Faetonte celebrizou um rio, o Erídano, sua sepultura. Ícaro, um mar, o mar Icário em que se despenhou. Dédalo ficou como o arquitecto e inventor, por antonomásia. Na perspectiva épica, portanto, o feito dos Portugueses não foi, não podia ser em vão. E o que houver de funesto será o preço de uma glória maior.

Tudo isto está em Camões, na épica e na lírica, como estava desde a Antiguidade e está na literatura até aos nossos dias: Ícaro, recorde-se, tem múltiplas faces de interpretação desde o mitógrafo grego

²⁸ Veja-se *Lus.* I.46.7, em que Faetonte é dito «ousado e não prudente» (tendo o adjectivo «prudente» marcada leitura etimológica, aquele que não vê antecipadamente, que não prevê a consequência dos seus actos). Nos vv. 5-7 dessa estrofe (e em I.49,7-8; V.7.3-4), regista-se a versão etiológica de que, tendo-se aproximado demasiado do continente africano, com o calor ígneo do seu carro motivou a pele negra dos seus habitantes, nomeadamente dos povos da Etiópia. Embora tenham sido muitos os autores antigos que se ocuparam do episódio mítico de Faetonte, ganham relevo os vv. 1-400 do Livro II das *Metamorfoses* de Ovídio, onde consta a referida perspectiva etiológica (vv. 235 ss.). O epitáfio de Faetonte, registado nos vv. 327-328, consagra perfeitamente a ambivalência do seu gesto, a um tempo irreflectido e ousadamente grandioso: hic: sitvs: est: phaethon: cvrvvs: avriga: paterni / qvem : si : non : tenvit : magnis : tamen : excidit : avsis (AQUI JAZ FAETONTE, COCHEIRO DO CARRO DE SEU PAI / SE NÃO GUIOU BEM, CAIU, PORÉM, EM GRANDIOSA EMPRESA: tradução de Paulo Farmhouse Alberto, Lisboa, Cotovia, 2007).

Paléfato, no séc. IV a.C., desde Ovídio e Horácio, até António Dinis da Cruz e Silva, Mário de Sá-Carneiro, José Régio, Miguel Torga, David Mourão-Ferreira, Fiama, José Mário Silva, Adília Lopes, Daniel Faria. Nos séculos XVI e XVII, como Camões, também Sá de Miranda, Diogo Bernardes, António Ferreira, D. Manuel de Portugal, os barrocos Jerónimo Baía e Manuel da Veiga Tagarro contribuíram para a sobrevivência de um mito tão antigo e tão fecundo, intemporal na medida em que transformou um jovem transgressor, castigado pela imprudência e desmesura, na representação dos nossos ideais e da frustração de os não podermos, ou não os sabermos, atingir. Ou, como diz Camões no soneto 4 em que magistralmente define o desconcerto do amor: «Estando em terra, chego ao céu voando» (v. 9).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, Isabel (2012), «Camões e Mendes Pinto, leitores de clássicos», in Cristina Pimentel – Paula Morão (coords.), *A Literatura Clássica ou os Clássicos na Literatura: uma (re)visão da literatura portuguesa das origens à contemporaneidade*, Lisboa, Campo da Comunicação, pp. 19-28.
- André, Carlos Ascenso (2008), «À margem da epopeia: A mulher e o amor, da *Eneida* a *Os Lusíadas*», in *O Poeta no Miradouro do Mundo. Leituras Camonianas*, Coimbra, Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos, pp. 55-75.
- Camões, Luís de (2000), *Os Lusíadas*, leitura, pref. e notas Álvaro Júlio da Costa Pimpão, apresent. Aníbal Pinto de Castro, Lisboa, Instituto Camões.
- Camões, Luís de (1994), *Rimas*, texto estab. e pref. Álvaro Júlio da Costa Pimpão, Coimbra, Almedina.
- Cidade, Hernâni (1975⁴), *Luís de Camões. O Épico*, Amadora, Bertrand.
- Earle, Thomas (2008), «Camões e o mito de Circe», *Euphrosyne* 36, pp. 237-246.
- Fraga, Maria do Céu (2021), «O soneto camoniano *De um tão felice engenho, produzido* e uma rubrica infeliz», in Soledad Pérez-

- Abadín Barro, Rira Marnoto, David González Ramírez, Martha Blanco González (coords.), *Entre Italia, Portugal y España. Ensayos de Recepción Literaria*, Santiago de Compostela, Universidade, pp. 291-305.
- Nobre, Ricardo (2017), «E perdoe-me a ilustre Grécia e Roma»: sobre história antiga n' *Os Lusíadas* de Luís de Camões», in Cristina Pimentel – Paula Morão (coords.), *A Literatura Clássica ou os Clássicos na Literatura. Presenças Clássicas nas Literaturas de Língua Portuguesa*, vol. III, Lisboa, Campo da Comunicação, pp. 37-49.
- Pereira, Maria Helena da Rocha (2008), «Presenças da Antiguidade Clássica em *Os Lusíadas*», in *Camoniana Varia*, Coimbra, Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos, pp. 61-81 (= *Novos Ensaio sobre Temas Clássicos na Poesia Portuguesa*, Lisboa, INCM, 1988, pp. 109-131).
- Pereira, Maria Helena da Rocha (2008), «O mito de Orfeu e Eurídice em Camões», in *Camoniana Varia*, Coimbra, Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos, pp. 120-132 (= *Novos Ensaio sobre Temas Clássicos na Poesia Portuguesa*, Lisboa, INCM, 1988, pp. 69-81).
- Pereira, Maria Helena da Rocha (2008), «O tema da metamorfose na poesia camoniana», in *Camoniana Varia*, Coimbra, Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos, pp. 133-158 (= *Novos Ensaio sobre Temas Clássicos na Poesia Portuguesa*, Lisboa, INCM, 1988, pp. 45-67).
- Pinho, Sebastião Tavares de (2007), «Comparações e símiles homéricos n' *Os Lusíadas*», in *Decalógia Camoniana*, Coimbra, Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos, pp. 53-69.
- Silva, Carlos Eugénio Corrêa (1935), *Ensaio sobre os Latinismos dos Lusíadas*. Ed. fac-símile Lisboa, INCM, 1972.
- Silva, Vítor Aguiar e (2008), «A poética do mito clássico n' *Os Lusíadas*», in *A Lira Dourada e a Tuba Canora: novos ensaios camonianos*, Lisboa, Cotovia, p. 109-115.
- Silva, Vítor Aguiar e (coord.) (2011), *Dicionário de Luís de Camões*, Alfragide, Caminho.
- Silva, Vítor M. Aguiar e (1999), «O mito de Actéon como alegoria e como símbolo na poesia de Camões» in *Camões: Labirintos e Fascínios*, Lisboa, Cotovia, pp. 155-162.

ÍNDICE

Nota de apresentação.....	3
Prefácio – <i>Os Lusíadas</i> (ainda) hoje	
José Augusto Cardoso Bernardes	5
I – OS LUSÍADAS: A INTERPRETAÇÃO	
Revisitar <i>Os Lusíadas</i> por mão de Virgílio	
Carlos Ascenso André	17
«A verdade que eu conto, nua e pura»: presença dos clássicos greco-latinos em Camões	
Maria Cristina Pimentel	35
A poesia ao serviço da imortalização dos feitos humanos: Cícero e Camões em diálogo	
Rui Tavares de Faria	51
O título e a introdução de <i>Os Lusíadas</i> na hermenêutica do poema	
Hélio J. S. Alves	61
Vénus: deusa e planeta n' <i>Os Lusíadas</i>	
Carlota Simões e Carlos Santos.....	73
II – OS LUSÍADAS: NA ESCOLA	
O ensino de <i>Os Lusíadas</i>: uma missão na era digital?	
João Manuel Avelar	89
<i>Os Lusíadas</i> no quadro de uma nova ecologia do heroísmo	
Graça Meneses	99

«Vil metal luzente e loiro». Considerações do Poeta sobre o poder corruptor do dinheiro (Canto VIII – Estâncias 96 a 99)	
Maria João Machado Ruivo Amaral Sousa	111
<i>Os Lusíadas</i> de Camões e <i>Memorial do Convento</i> de Saramago: crónicas do infortúnio	
Maria João Bettencourt.....	121
O ensino de <i>Os Lusíadas</i> entre 1895 e 1974: encontros e desencontros	
João Manuel Tavares da Costa	131
Um poema para todos. O lugar das adaptações de <i>Os Lusíadas</i> na escola	
Rui Manuel Afonso Mateus.....	159

III – OS LUSÍADAS: NA SOCIEDADE

A minha descoberta de <i>Os Lusíadas</i>	
João Bosco Mota Amaral.....	187
Estudar Camões – em dois tempos	
Rosa Maria Goulart.....	193
A Camoniana de D. Manuel II no Museu-Biblioteca da Casa de Bragança	
Maria de Jesus Monge.....	199
A Camoniana de José do Canto, «justa grinalda em louvor do Poeta»	
Maria do Céu Fraga.....	209